



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração dos 60 anos da Sociedade Brasileira para o  
Progresso da Ciência (SBPC)**

**São Paulo-SP, 21 de outubro de 2008**

Quero cumprimentar o companheiro Fernando Haddad, ministro da  
Educação,

O Sergio Rezende,

Companheiro Marco Antônio Raupp, presidente da Sociedade Brasileira  
para o Progresso da Ciência,

Professor Jacob Pales, presidente da Academia Brasileira de Ciências,  
Marcos Macari, reitor da Unesp,

Nosso companheiro Newton Lima, quase ex-prefeito de São Carlos,

Nossos reitores, pró-reitores, vice-reitores, todos os magníficos aqui  
presentes,

Companheiros e companheiras membros da SBPC,

Meus amigos e minhas amigas,

No fundo, no fundo, nós deveríamos fazer uma reunião, meu caro Sergio  
Rezende, para que a gente pudesse resolver de uma vez todos os problemas  
pertinentes ao marco regulatório. Primeiro, porque tem uma coisa que vocês  
precisam compreender na esfera pública, seja ela municipal, estadual ou  
federal: tem uma burocracia muito competente e uma burocracia histórica. Às  
vezes, eu me sinto como se eu fosse um trem. O trem é o governo e a estação  
é a máquina. Passa um trem, faz barulho, quebra, descarrila, e a estação está  
lá impávida. Ela é “imexível”, como diria o Magri, e o trem troca. Entra trem  
novo, trem com mais fumaça, com mais apito, com mais barulho, com mais  
passageiros, e a máquina está lá.



Nós aprendemos, depois de muito tempo, que só tem um jeito de agilizar as coisas no governo: é colocar em prática o toyotismo, ou seja, juntar todas as pessoas envolvidas. Se tiver dez pessoas que têm que assinar um documento, tem que colocar as dez em torno da mesa para que saia uma decisão naquela mesa. Porque se você for cumprir a receita normal do funcionamento da máquina, um papel sai da minha mesa, vai para o Fernando Haddad, que passa para o chefe de gabinete dele, que passa para o presidente da Capes, que passa para o presidente não sei das quantas, que volta não sei para as quantas. Entre idas e vindas, esse cidadão perdeu uns três quilos de caminhada de mesa para mesa. E não é culpa de ninguém, é que a estrutura funciona assim, até por precaução da própria estrutura, sobretudo hoje.

Esse negócio que aconteceu nas Fundações é porque vivemos um momento muito sério de hipocrisia coletiva neste país. Todo mundo tem medo de tudo, todo mundo é culpado antes de ser julgado. Um funcionário público hoje, para dar autorização para fazer alguma coisa, seja ele da Anvisa, da Caixa Econômica Federal, do Ministério das Cidades, vai contar mil vezes até dez para poder colocar a assinatura dele. Porque ao dar a assinatura e autorizar, se houver alguma queixa do Ministério Público, os seus bens são disponibilizados, e ele tem que contratar advogado e pagar do próprio bolso. Então, a máquina está engendrada para isso. Joga-se desconfiança sobre tudo e sobre todos e todo mundo fica com medo de funcionar. Lamentavelmente, é assim a máquina pública.

Essa coisa que o professor Krieger falou aqui, só tem um jeito: colocar todos os problemas... nós temos que fazer uma cesta de problemas. Levar esta cesta de problemas, chamar todos os agentes que estão ligados aos mais diferentes problemas, chamar a Advocacia-Geral da União, chamar os outros ministros e dizer “vamos resolver”, e resolver. Se for para fazer projeto de lei, é fazer projeto de lei; se for para fazer medida provisória, é medida provisória; se for decreto... Mas, para isso, tem que estar todo mundo junto, porque senão vai



parar em algum momento.

Companheiros, eu queria trocar os microfones do púlpito que eu falo, porque está muito comprido. Eu não consigo ler os documentos. Estão passando dois anos... Vocês acham que é só com vocês?

As coisas são assim e foram feitas. É um acúmulo de medidas que foram feitas individualmente para proteger o Estado, mas o somatório delas termina sendo pernicioso ao Estado brasileiro e à pressa que nós temos. Pressa, porque precisamos de muita pressa para recuperar o tempo perdido e combinar a rapidez com a coisa bem-feita. Esse é o nosso desafio. Certamente não teria dificuldade para a Fundação, se não fosse alguém de uma fundação meter os pés pelas mãos. Então, quando uns metem os pés pelas mãos, todos os inocentes pagam o preço do erro de alguém que agiu irresponsavelmente.

Dito isso, que era o principal, do marco regulatório, ou primeiro, não vou... Vocês viram que eu devolvi o meu discurso, porque ele estava cheio de elogios da minha relação com a SBPC e tal. Mas como ela já foi muito elogiada aqui, devolvi o discurso.

Quero dizer para vocês que é gratificante, muito gratificante para um presidente da República vir a uma instituição de credibilidade como a SBPC – instituição que houve um momento na história do País em que não era apenas uma instituição científica, mas uma instituição com forte viés político de cobrança, sobretudo em momentos de falta de liberdade neste país – vir aqui conversar com cientistas e receber as cobranças, mas, sobretudo, receber o reconhecimento daquilo que está sendo feito no País. Eu tenho consciência de que muita coisa está sendo feita no País e tenho consciência de que pode ser feito muito mais.

Tenho mais dois anos de mandato. Vocês precisam aproveitar a minha governança, já que eu não sou cientista, portanto, não tem preconceito, não tem as divergências setoriais que vocês têm. Então, vocês têm que aproveitar essa metamorfose que governa o Brasil e fazer a cesta de reivindicações de



vocês para que a gente possa atendê-las ou transformá-las em lei. Por quê? Embora eu não seja cientista, estou convencido de que sem investimento em ciência e tecnologia, nós não daremos o passo seguinte.

Quando foi lançado o PAC, quem estava no lançamento do PAC ouviu, no meu pronunciamento, eu dizer que era preciso constituir um grupo de trabalho para ajudar a gastar o dinheiro do PAC. Porque quando nós colocamos, até 2010, 41,5 bilhões de reais para ciência e tecnologia, nós vamos ter que, no final de 2010, quando tivermos que apresentar o próximo Orçamento, vamos ter que apresentar uma nova proposta de PAC. Se a gente utilizou corretamente o dinheiro, fica muito fácil propor mais dinheiro. Mas, se a gente não utilizar e não gastar bem os 41 bilhões, não faltará ministro que queira que a gente reduza de tal área para colocar em tal área.

É preciso compreender como funciona o governo. O governo não é diferente do funcionamento da casa de um pai e uma mãe que têm quatro ou cinco filhos. Vocês sabem que quando chega no fim do ano, um quer um tênis, outro quer uma calça, e o dinheiro não dá. Ou seja, você vai ter que em vez de dar uma calça, você vai ter que dar uma bermuda mais barata para um; em vez de dar uma meia que vai até o joelho, dar uma meia daquelas pequenininhas para outro, que é para comprar. É sempre um cobertor que não dá para cobrir o pé e a cabeça. E você tem sempre que fazer um milagre, porque não tem ministério menos importante. Essa história que a gente estava falando aqui, que o Ministério da Ciência e Tecnologia e o da Educação são muito importantes, vale aqui, porque estão a Ciência e a Educação. Mas vai conversar com qualquer outro ministro, que a área dele é a mais importante. Portanto, se tirar um pouquinho da Ciência e Tecnologia e da Educação, não tem problema nenhum. Temos que resolver o problema da agricultura, o problema da pesca, o problema da justiça, o problema da habitação e assim por diante.

No governo, nós temos tentado trabalhar com equilíbrio para utilizar o



máximo possível e fazer com que as pessoas gastem aquilo que lhes foi destinado. Não tem nada pior para um governo do que... vai chegando o final do ano agora, a gente começa a medir – Paulo Bernardo, eu, Guido Mantega, Dilma Rousseff – o orçamento de cada ministro, saber o que ele gastou, no que ele está atrasado. Às vezes tem ministro que passa o ano inteiro gastando pouco para gastar quase tudo no final do ano. Significa que ele vai comprometer o dinheiro, mas no ano inteiro não foi utilizado o dinheiro como se imaginava que fosse ser utilizado. É uma mágica que nós fazemos e que tem dado certo. Mas esse, da Ciência e Tecnologia, é preciso que vocês fiquem atentos, porque se esses entraves que vocês disseram aqui já acontecem há muito tempo, significa que já perdemos muito tempo. Quem sabe nós já deixamos de gastar bons milhares de reais por conta de problema em algum órgão, em alguma instituição burocrática que tem que facilitar o acesso a produtos, a equipamentos e a informações?

Então, Sergio, é preparar agora a cesta de problemas para ver se a gente... A cesta de bondades já foi anunciada aqui. Agora a cesta de problemas para saber o que a gente faz com cada órgão que está criando determinada dificuldade. Senão, o dinheiro não sai mesmo. E tudo que quem cuida do dinheiro lá no Tesouro quer é que sobre dinheiro no final do ano, porque o prestígio do companheiro Sérgio é gastar o dinheiro, do Fernando Haddad é gastar o dinheiro, o prestígio de quem está no Tesouro é, no final do ano, salvar um pouquinho mais de superávit. Então o presidente, humildemente, trabalha com essas contradições.

A primeira coisa que eu queria dizer para vocês: vamos aproveitar este final de ano, vamos fazer – o PAC já está aprovado há algum tempo, já tem um ano de experiência - vamos aproveitar agora todas as dificuldades que ele enfrentou nesse período, colocar isso no papel e então ver se, neste final de ano, a gente consegue desburocratizar o que está atrapalhando o funcionamento 100% da ciência e tecnologia.



Na questão da educação, eu queria dizer para vocês que tenho muito orgulho de estar tentando resolver alguns problemas crônicos que nós herdamos. Obviamente que eu não sou educador, não tenho aqui a autoridade política para falar como educador, mas sou um cidadão brasileiro que tem um filho na escola, que conversa com muita gente que tem filho na escola e eu sei que algumas coisas vêm erradas neste país há muito tempo. Quando neste país se tomou a decisão de universalizar o ensino fundamental sem levar concomitantemente com a universalização a qualidade, nós demos um passo para frente e dois para trás, ou seja, aumentamos substancialmente o número de alunos na escola e diminuimos substancialmente a qualidade de ensino que essas crianças estão recebendo na escola.

Segundo: quando se decidiu, há algum tempo, que uma criança na escola não precisaria fazer prova, que ela seria aprovada, estudasse ou não, nós cometemos a segunda barbaridade. Aí, com o aluno e com o professor, porque não é possível que um professor entre em uma sala de aula, fale durante uma hora inteira e em nenhum momento ele se pergunte se a criança está aprendendo o que ele está falando. A prova é até um teste para saber se o professor está dando a aula correta, porque se um professor deu uma aula e o aluno não aprendeu, o aluno precisa aprender mais. Se deu a segunda aula e o aluno também não aprendeu, na terceira, Fernando, o professor precisa entrar para a escola. Na terceira, nós precisamos qualificar o professor, porque não é possível que a gente seja obrigado a pegar os dados do IBGE e saber que tem crianças na escola que não estão conseguindo aprender a ler. São poucos, mas tem.

Então é preciso – o Ministério da Educação está fazendo isso e a Universidade Aberta está contribuindo para isso – tentar recuperar e qualificar o nosso professor, sobretudo aquele que vai trabalhar no ensino fundamental, porque é preciso, além da preparação, a motivação. Alguém que entra em uma sala de aula para passar quatro horas com crianças, se a pessoa não estiver



motivada, é um desastre para ele que não está motivado e para as crianças. Esse é um desafio que nós vamos ter que resolver. Vamos ter que resolver e sabemos que não pode ser resolvido em um único dia, mas que tem que ser resolvido e eu espero que ao terminarmos o governo a gente esteja com parte desse problema resolvido.

Às vezes, me sinto culpado, porque quando eu comecei a fazer as greves em 1978, os professores não queriam mais ser chamados de professores, eram trabalhadores da educação. Médico não queria mais ser chamado de médico, eram trabalhadores da saúde. Tudo porque tinha a hegemonia metalúrgica nas greves de 1978, o que era uma bobagem. Eu sempre tive uma discordância com greve de professor na área de ensino fundamental. Eu achava que aquela greve de 90, 80 dias era um desastre, que seria melhor do ponto de vista político, já que não estava lidando com produto, mas estava lidando com ser humano. Um desgaste pior para um governador não é você parar, o desgaste pior para um governador é você dar aulas e, no final da aula, ela ser melhor do que a outra e o aluno levar uma cartinha para o pai: “Diga para seu pai que eu estou trabalhando muito, mas o governador não está me pagando o suficiente”. Na hora em que pára, o governador ganha a parada. Pode ficar certo disso. Isso eu discutia muito quando era presidente do Sindicato. Agora não me cabe discutir, cabe apenas tratar as greves como elas são.

Uma outra coisa que eu considero extremamente importante é que nós acabamos de instalar a sede da Embrapa na cidade de Acra, em Gana, já pesquisamos em 31 países, nós queremos pesquisar em todos os países africanos e nós já estamos plantando canteiros experimentais. Eu estou desconfiado e a Embrapa também de que a savana africana tem as mesmas características do Centro-Oeste brasileiro e que, portanto, com um pouco de manejo da terra, a gente pode ter uma produtividade extraordinária lá como temos aqui. É apenas uma questão de tempo. Estamos exigindo que os



técnicos da Embrapa que vão para lá, não vão para ficar um mês e voltar, não, vão para morar um tempo, vão ficar lá dois anos. Já pesquisaram 17 países indo a campo, outros tantos países à distância. De qualquer forma, é um passo extraordinário.

Estou vindo de Moçambique agora, onde instalamos um laboratório da Fiocruz, e até 2010 vou lá inaugurar uma fábrica de anti-retrovirais, porque nós vamos produzir os remédios para combater a Aids e outras malárias lá mesmo em Moçambique. Esse é um projeto que já está há cinco anos rolando e agora, finalmente, nós vamos, inclusive, deixar técnicos, professores e cientistas da Fiocruz morando em Maputo, para que a gente possa fazer valer os nossos convênios.

Montamos uma sede da Embrapa em Caracas para ajudar a Venezuela a produzir alimentos necessários para garantir segurança alimentar para o povo venezuelano. Porque a Venezuela compra quase tudo do Brasil, da Colômbia e dos Estados Unidos e estou discutindo com o companheiro Chávez há muito tempo que é preciso aproveitar esse *boom* do petróleo para desenvolver a Venezuela e produzir alimentos. Estamos montando a Embrapa lá e já estamos plantando 30 mil hectares de soja. Estamos plantando soja em Cuba também para ver se a gente muda um pouco a história da cana-de-açúcar e começa a substituir por um pouco de soja em Cuba. Queremos montar uma sede da Embrapa lá na América Central, para ajudar os países menores da América Central. E, se for o caso, montar uma sede da Embrapa em outras regiões da África, porque a África é muito grande e é preciso que a gente coloque mais Embrapa em alguns lugares. Mesmo daqui de Campinas, do centro da Embrapa, através de satélites, vamos poder passar todas as informações para a nossa Embrapa da África.

Esse é um trabalho que o Brasil pode e deve fazer, porque ninguém consegue competir com o Brasil em se tratando de agricultura tropical. Esse potencial que nós conquistamos... o grande feito do Brasil é repassá-lo aos





países mais pobres para que eles tenham a chance de se desenvolver.

É importante ressaltar também o papel do biodiesel e a questão do pré-sal. Vocês sabem que o biodiesel foi patenteado pela primeira vez, se não me falha a memória, em 1975 pelo professor Expedito Parente, da nossa querida Universidade Federal do Ceará, e isso estava paralisado. Quando nós chegamos ao governo, em 2003, decidimos que iríamos criar uma nova matriz energética a partir dos biocombustíveis. Começamos com o Congresso. Mandamos a lei para o Congresso, regulamentamos, aprovamos a lei e hoje o biodiesel já é... já temos 2%, já tem muitos lugares utilizando 3% e estamos trabalhando fortemente para chegar a 5% de biodiesel no óleo diesel brasileiro.

Para vocês terem uma dimensão, só três usinas que a Petrobras inaugurou – uma na cidade de Candeias, na Bahia, uma na cidade de Quixadá, no Ceará, e uma que vamos inaugurar em Montes Claros, em Minas Gerais – vão produzir, em média, 57 milhões de litros de biodiesel por ano. Somente as três têm mais de 70 mil famílias da agricultura familiar cadastradas prestando serviço. Essa usina da Petrobras, que é a mais moderna do mundo em biodiesel, é importante porque pode misturar o óleo da soja, do pinhão manso, do caroço do algodão, do girassol, a gordura animal, pode colocar tudo junto e vai sair, na ponta, um biodiesel de qualidade totalmente automatizado, e nós achamos que sem a Petrobras entrar na produção não daria certo. Agora, a nossa querida Petrobras resolveu entrar na questão do biodiesel.

Numa briga internacional, alguém levantou que produzir biodiesel compete com os alimentos. Essa discussão ganhou corpo e tem muita gente interessada em não permitir que o Brasil produza mais álcool e mais biodiesel. Essa é uma briga boa que nós queremos fazer, por isso espero que muitos de vocês participem do grande seminário, nos dias 20 e 21 de novembro, que vamos realizar em São Paulo. Devem vir alguns chefes de Estado, muitos cientistas do mundo inteiro, queremos trazer ONGs, queremos trazer todo mundo, porque esse é um debate do qual a gente não tem que ter medo. Esse



é um debate que temos que fazer e encará-lo com a maior sobriedade possível, porque eu não tenho dúvida nenhuma de que sairemos ganhadores dele. E, mais importante para o Brasil neste momento em que chegamos ao pré-sal.

Chegamos ao pré-sal porque eu tenho sorte, mas a minha sorte é que quando eu entrei, a Petrobras gastava 250 milhões de dólares por ano, e hoje gasta 250 milhões de dólares por mês em pesquisa e prospecção. Então, a sorte é simplesmente elevar doze vezes o dinheiro que a Petrobras gastava, aí a gente tem muita sorte.

Vocês estão acompanhando essa discussão maluca do pré-sal. Ninguém ainda sabe – talvez o Pinguelli seja daqui o único que saiba – quanto tem de óleo embaixo da pré-sal. A impressão que nós temos é que tem muito petróleo e muito gás. Nós começamos agora, lá em Jubarte, a tirar os primeiros 15 mil barris, e vamos tirar numa fase experimental mais um pouco, para ver se conseguimos tirar mais. Jubarte também vai servir como uma espécie de experiência para a gente ver as reações desse poço. Tivemos uma coisa lá em Jubarte, que foi quando o petróleo **(falha na gravação)** se misturou com a água ou com o ar, não sei, e virou cristal. Virou uma peça de cristal que teve que ser detonada para a gente poder puxar o óleo para cima. Agora, em março, vamos começar no Poço de Tupi. Também vamos começar numa fase experimental, tirando de 15 a 20 mil barris durante alguns meses, para estudar todos os problemas que advirão daquele poço, para começar a produzir em escala industrial.

Vamos construir três grandes refinarias no Brasil. Uma das idéias é a gente não virar exportador de óleo cru, é a gente ser exportador de derivados de petróleo. Portanto, vamos fazer uma em São Luís do Maranhão, que tem um porto com grande calado de 600 mil barris/dia para produzir gasolina premium exportação. Vamos fazer outra no porto de Pecém, em Fortaleza, para a gente... 300 mil barris/dia. A do Maranhão vai custar 19 bilhões de



dólares, a do Ceará, 11 bilhões de dólares. Vamos produzir uma em Natal, de 70 mil barris/dia e a de Pernambuco, em parceria com a PDVSA, de 200 mil barris/dia. É importante lembrar que fazia exatamente 28 anos que o Brasil não fazia uma refinaria. A última foi feita em 1980.

Da mesma forma que o Brasil ficou 22 anos sem fazer um alto-forno e agora, se Deus quiser, nós começaremos no ano que vem quatro novas siderúrgicas no Brasil, porque não tem sentido a Vale do Rio Doce continuar sendo apenas exportadora de minério de ferro e não de valor agregado. Uma tonelada de bauxita custa 30 dólares; uma tonelada, depois de fazer a alumina, já vai para 500 dólares; e uma tonelada de alumínio custa 3 mil dólares. Então, está quase compreensível que nós precisamos produzir aqui, colocar valor agregado aqui e ganhar dinheiro. Não ficar vendendo para a China, para depois a gente comprar a matéria-prima pronta, industrializada da China.

O pré-sal, nós estamos discutindo neste momento o marco regulatório com muito carinho. Acho que nós precisamos voltar a incutir na cabeça do povo brasileiro que o petróleo é nosso e, portanto, se é nosso, precisamos dizer o que queremos com ele. Foi por isso que suspendemos as Rodadas que ainda faltavam fazer. Isso criou uma certa confusão, vocês devem ter acompanhado pela imprensa, mas vamos fazer um novo marco regulatório, goste quem gostar.

Tenho dito aos companheiros que estão trabalhando nisso que vou apresentar, depois do segundo turno das eleições, algumas coisas que precisamos priorizar: primeiro, precisamos recuperar a indústria naval brasileira definitivamente; segundo, precisamos ter uma indústria petrolífera muito forte; terceiro, precisamos ter uma indústria petroquímica mais forte e mais competitiva no mundo; e quarto, é que parte desse dinheiro precisamos gastar para recuperar a dívida que temos com a educação brasileira e com os pobres deste país. Não sei se é um fundo, não sei o que é, mas vamos criar alguma coisa que vai canalizar um pouco de recurso para a gente cuidar com carinho



desses setores que tanto necessitam, que são a educação e a pobreza no Brasil.

Só para vocês terem idéia, o volume de coisas que nós temos que fazer no Brasil nos próximos anos é tão grande, que é quase impensável dizer os números. Vamos precisar contratar 38 sondas. Quase que de imediato, vamos comprar as primeiras 12 lá fora, até que as nossas empresas se preparem para produzir as outras aqui. Cada sonda custa, por baixo, 700 milhões de dólares, e nós estamos fazendo aqui.

Na semana passada, fui inaugurar a P-51 lá no Rio de Janeiro, em Angra dos Reis. A P-51 é a famosa plataforma da minha briga na campanha de 2002, que eu disse que a gente poderia fazer aqui. O Pinguelli me ajudou muito nos debates. Diziam que a gente não podia fazer e eu fui inaugurá-la 100% feita no Brasil, 100%, não foi 99% não, 100%.

Vamos ter que contratar aproximadamente 200 navios pela Petrobras, navios de apoio, que agora, já que tem a quarta frota americana, nós precisamos cuidar de tomar conta dos nossos poços de petróleo que estão a 300 km da costa marítima e cada vez mais a gente está encontrando um pouquinho mais para lá e cada vez mais fundo. Acho que isso é uma coisa que dá ao Brasil uma garantia extraordinária de que nós temos parte do nosso futuro garantido. Eu trato essa descoberta do pré-sal como o grande segundo momento da independência deste país. Só que a gente não pode permitir que as pessoas venham aqui, tirem o nosso óleo, levem embora e nos pague um “royaltizinho”. É preciso que a gente faça uma nova regulamentação para transformar esse petróleo numa coisa mais brasileira, mais nacional.

Alguns companheiros levantaram aqui a idéia de o que vai acontecer quando a gente deixar o governo. Primeiro: confesso a vocês que espero que eu venha a fazer a sucessão, para ter continuidade. Mas de qualquer forma estou pensando em uma inovação, Newton, que eu acho que você deveria fazer lá em São Carlos. Eu vou num cartório, em dezembro de 2010, cada



ministro vai ter que registrar em cartório tudo o que ele fez, cada centavo que o ministério gastou, cada projeto que foi feito, sabe por quê? Para a gente mudar o patamar para o próximo governo, ou seja, ele sabe que vai ter que fazer mais, porque está registrado em cartório e não é uma peça de ficção, se algum ministro contar mentira para mim, ele registrou em cartório, então ele vai ver... Quero entregar para o próximo governante, para as universidades, para o movimento sindical e para o movimento social tudo o que nós fizemos no governo. O que não foi feito, não foi feito, outro pode fazer. Mas o que foi feito pode servir como um novo paradigma para quem vier depois.

Então alguém vai dizer: “Puxa vida, eu estou aqui, tenho três diplomas não sei de onde, formado em pós-graduação em Harvard. Eu preciso fazer mais do que o Lula na área de educação”. Esse desafio... Eu trabalhei 17 anos na Villares, trabalhei em linha de produção e o peão é assim. O peão chegava à noite e ele ia contar quantas peças o cara do dia fez porque ele queria fazer mais. A competitividade é inerente ao ser humano, então quero que os próximos governantes tenham um novo paradigma para governar este país. É por isso que eu tomei essa atitude de que vai ser tudo entregue oficialmente para cada entidade e para quem vier. Se for gente que a gente consiga fazer eleger vai ficar mais fácil de cumprir, porque também já aprendeu nesses oito anos a fazer o caminho das pedras. Agora fica muito mais fácil.

Por ultimo, companheiros, eu queria dizer para vocês que eu pensei que estava resolvido esse negocio da pesquisa na Amazônia. O Minc, faz mais ou menos um mês, teve um encontro com os cientistas e ele foi ao meu gabinete me contar: “Presidente, tinha um problema que era crônico e nos vamos resolver”. Não tem sentido proibir o cientista brasileiro de entrar na Floresta para fazer a pesquisa que bem entender. Eu vou saber do Minc o que falta fazer porque ele estava com um entusiasmo extraordinário de resolver esse problema.



Também quero ver com a Anvisa, porque nós tínhamos um problema na área da saúde, que foi resolvido, e quero ver na área toda da ciência o que está acontecendo na Anvisa, que houve essa queixa aqui, e nós precisamos, Sergio, fazer um levantamento para ver se juntos nós resolvemos isso.

Por último, companheiros, eu queria dizer para vocês um pouco sobre essa crise econômica. Eu não posso assumir o compromisso com vocês de que se houver uma crise econômica que abale o Brasil que a gente vai manter todo o dinheiro de todos os ministérios como está, até porque se a União arrecadar menos, vai ter menos dinheiro para todo mundo. Só para a gente também não vender ilusão aqui, mas é importante que a gente tenha em conta que essa crise pode chegar ao Brasil muito mais leve do que ela chegou aos países de origem, sem nos esquecermos de que é a primeira crise que acontece primeiro nos países ricos para depois vir para a periferia e quem está dando solidez à economia mundial são exatamente os países periféricos como Brasil, China, Índia, África do Sul, México, América Latina e outros. Nós não estamos envolvidos na crise financeira, nós poderemos colher como resultado dessa crise financeira o segundo passo que é a possível recessão no mundo desenvolvido, que vai causar um certo problema nas exportações de todos os países do mundo, inclusive do Brasil, mesmo nessa, eu acho que o Brasil sofrerá menos, porque diversificou muito a sua parceria comercial. Há dez anos, nós tínhamos, praticamente, 27% da nossa balança comercial com os Estados Unidos. Hoje nós temos pouco mais de 14% com os Estados Unidos. Em compensação, nós tínhamos apenas 9 bilhões com a Argentina e hoje temos 30 bilhões; tínhamos 4 bilhões com a África, hoje temos 20 bilhões; temos 35 bilhões com a China. Então, essa diversificação da nossa balança comercial permitiu que o nosso fluxo fosse menos dependente de um bloco ou de um país e fosse mais diversificado. Isso nos dá uma certa garantia de que também iremos sofrer menos do que outros países caso haja uma recessão.

Tem muita gente que trabalha com um pessimismo exagerado. Nos



Estados Unidos temos um processo eleitoral, ao terminar o processo eleitoral, no dia 20 de janeiro toma posse o próximo presidente e ele vai ter que tratar de resolver essa crise. É importante vocês se lembrarem de que as crises que tivemos, tanto a russa como a asiática e a mexicana, as três juntas, na década de 90, resultaram num prejuízo, num buraco de 200 bilhões de dólares, e vocês se lembram de que o Brasil quebrou duas vezes. Essa já resultou num buraco de mais de 3 trilhões de dólares, até agora o Brasil não quebrou e até agora nós não estamos sentindo o efeito dessa crise na produção e nem no varejo. Nós estamos sentindo no quê? No crédito.

Nós temos um problema de crédito, porque eu não sei onde estão tantos trilhões de dólares, que estavam voando de banco para banco, de papel para papel, e de repente eu acho que... Sabe aquela brincadeira de cadeira, que a gente coloca cinco cadeiras e seis pessoas, e daqui a pouco todo mundo senta nas cadeiras e um fica de pé? Eu acho que os banqueiros fizeram isso, porque de repente o dinheiro desapareceu. Não tem crédito na Alemanha, não tem crédito na França, não tem crédito na Inglaterra, não tem crédito no Brasil. Para onde foi esse dinheiro?

Aqui no Brasil, nós estamos tratando de resolver esse problema. Já anunciamos dois créditos para a agricultura. Nós estamos, graças a Deus, com as instituições públicas muito fortalecidas – Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e BNDES – portanto, nós estamos comprando carteiras de bancos de investimento que tiveram problemas, e vamos comprar mais. Nós estamos reduzindo o compulsório, e passando o compulsório para que os bancos aumentem as suas linhas de crédito.

Nós estamos utilizando um pouco das reservas em dólar para o Banco do Brasil no exterior, a troca de compra de títulos, para não diminuir o valor da nossa reserva, que nós queremos que continue em 207 bilhões de dólares, para que a gente possa financiar os nossos exportadores. Nós achamos que... não vamos fazer nenhum pacote econômico, vamos trabalhar pontualmente





cada coisa que se apresentar para nós, na expectativa de que essas medidas anunciadas, primeiro pelo Bush – que ainda não foram sequer regulamentadas, portanto, não vão dar resultado já – depois, a medida anunciada pelo Gordon Brown, que foi a mais eficaz de todas e a mais forte, que foi de 1 trilhão de dólares, ele se comprometendo a garantir que todos os correntistas estarão garantidos e que ele não vai dar dinheiro para banco. Ele vai comprar ações do banco.

Isso é uma coisa muito importante, porque até o Bush está falando em comprar ações de bancos privados. Significa que o coração do regime capitalista começa a ter um gostinho pelo papel do Estado, que esteve desmoralizado durante os últimos 30 anos. O Estado volta a ser peça importante. É importante a gente atentar para o papel do Estado. O papel do Estado não é diferente, Paulo, do seu papel em família. Os nossos filhos, quando têm 18 anos, o que eles nos falam? Não querem passar mais finais de semana conosco, porque nós não temos assuntos com eles, não gostam mais das músicas que nós gostamos, nós somos carolas para eles, e uma série de coisas. Quando o filho adolescente vem atrás do pai? Quando ele está sem dinheiro e quando está doente.

O mercado que poderia resolver tudo, e nos últimos 30 anos ditou regras para a sociedade, no primeiro fracasso, a quem ele recorre? Ao paizão, que é o Estado. Obviamente, eu acho que o Estado tem que ajudar a resolver o problema, e acho que a saída de não dar dinheiro para banco, mas comprar ações do banco, é muito importante, porque isso permite que o Estado volte a exercer um papel de influência sobre o sistema financeiro internacional, que não tinha nenhum controle. Só para vocês terem idéia, aqui no Brasil um banco de investimentos só poderia alavancar no máximo dez vezes o seu patrimônio líquido. Nos Estados Unidos, 35 vezes. Significa que um cidadão estava emprestando o que não tinha. E mais grave, estava emprestando o que ele não podia cumprir em caso de crise como está acontecendo agora. Vocês viram





tantas instituições que ficam avaliando o risco-Brasil todo dia, toda hora no jornal, risco-Brasil é tanto: quebraram todos. Se eles tivessem parado um dia para medir o risco deles e esquecido o Brasil...

Também nós trabalhamos aqui, no Brasil, com muita gente torcendo para as coisas darem errado. Eu nunca vi, Pinguelli, tanta gente fazer figa para a crise chegar logo aqui: “Ah, agora quero ver se o Lula vai ter sorte. Agora tem que vir...” Eu acho um absurdo, porque se a crise chegar aqui no Brasil não é o Lula quem vai perder, é o País que vai perder, é o povo brasileiro que vai perder.

Tem gente que acha que sou muito otimista, que eu deveria falar com menos otimismo. Eu não posso. Imagina você ir a um hospital visitar um companheiro que está em fase terminal e você chegar lá, sentar à beira da cama e dizer: “Ih, ontem morreu um cara assim igual a você”. Ou o médico que está tratando o cidadão: “Olha, companheiro, eu acho que de amanhã você não passa, viu? Olha, esse negócio aqui... Já morreram 20 aqui, nesse leito”.

Ora, primeiro, nós temos que trabalhar sempre com a hipótese de que as coisas ruins não vão acontecer conosco, e trabalhar para evitar que elas aconteçam. E nós estamos trabalhando, a equipe econômica, a equipe do Banco Central, estamos trabalhando com muito esforço e com lupa mesmo, para evitar que essa crise chegue e atrapalhe o desenvolvimento do Brasil.

Nós ainda temos um instrumento importante para enfrentar a crise, que é o potencial do mercado interno. Por isso que não quero diminuir crédito, é preciso que a gente mantenha o crédito porque... E tenho dito nos comícios. Domingo eu estava num comício, lá em São Bernardo do Campo, eu falei: “Estão aí dizendo da crise, ninguém tem que parar de comprar sua televisão ou sua geladeira”. O povo foi todo para o bar tomar cerveja e falou: “O Presidente mandou gastar, vamos tomar cerveja aqui...” Porque se não tiver pessoas comprando, não tem fábrica produzindo, não tem comércio vendendo, e aí nós entramos mesmo em recessão.



Agora, Paulo, quero agradecer, querido. Quero agradecer, Marco Antônio, esse carinho que recebi aqui. Eu não sei se vocês percebem, eu fui o primeiro presidente da República a receber reitores. Vocês sabiam que os presidentes não recebiam reitores? Nunca um presidente da República fez reuniões com reitores, muito menos com os diretores dos Cefets, e muito menos vir à SBPC.

É porque se criou, durante muito tempo, a rivalidade... Nenhum Presidente gosta de ser cobrado, todo mundo gosta de aplausos, podem ficar certos. Agora, para você receber aplausos, você tem que merecer; e para receber vaias você também tem que merecer. E a melhor forma de você enfrentar isso é a conversa.

Por que haveria um Presidente de não conversar com a SBPC? Por que haveria um presidente da República de não conversar com os reitores? Se conversa com empresários, conversa com banqueiros, por que não conversar com os outros segmentos da sociedade?

E eu quero dizer para vocês que uma das coisas que quero deixar como legado, quando deixar o governo, é a mudança no padrão de relacionamento do governo com a sociedade. É preciso mudar esse padrão de relacionamento para que as pessoas encarem com normalidade esses encontros e, dentro dos encontros, as divergências.

Imaginem o dia em que ninguém tiver mais nada para reivindicar... Nós fizemos um PAC de 41 bilhões, e eu sei que na hora em que ele se esgotar vocês vão querer um PAC de 60 bilhões, de 70 bilhões. E Deus queira que vocês sempre tenham razão de querer mais, porque é da exigência de vocês que o governo vai colocando dinheiro. E é do cumprimento do gasto desse dinheiro que vocês irão fazer por merecer mais dinheiro. Até que um dia a gente não discuta mais se é 1,5%, se é 2%, se a empresa está participando ou não. Até que um dia a ciência e a tecnologia façam parte do nosso cotidiano, não apenas dos cientistas, mas do ministro, do presidente da República, do



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

ministro da Fazenda, do ministro do Planejamento, e essas coisas sejam encaradas com muita naturalidade e com muita normalidade.

Ditas essas palavras, meus companheiros, estou com a minha “cientista” me esperando no aeroporto, brava “prá danar”, que é a dona Marisa, e vou ter que ir embora porque tenho uma reunião da coordenação política ainda hoje.

Queria, Marco Antônio, agradecer de coração esse convite. Queria, professor Jacob, agradecer. Agradecer a todos que falaram aqui, e dizer para vocês: enquanto eu for presidente da República não tenham nenhuma preocupação de cobrar, de criticar, porque Deus me deu duas orelhas, meio caídas para ouvir à vontade, e uma boca só para falar pouco.

Um abraço. Feliz aniversário para a SBPC.

(\$211A)